

CORPOS, FAMÍLIA E AFETOS: REFLEXÕES SOBRE O DOCUMENTÁRIO *DOMINGO*

Daniela Guedes dos Santos¹

Ketti Maria Cardozo da Rosa²

Guilherme Vieira Bertollo³

Mário Ferreira da Silva⁴

Domingo é um dos resultados fílmicos de um projeto de documentário de narrativa transmídia⁵ realizado por Paulo Mendel, artista e diretor, e Vi(tor) Grunvald⁶, antropólogo e diretor que co-coordena o Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS com as professoras Cornelia Eckert e Fabiene Gama. Concebido inicialmente como videoinstalação de dois canais, foi selecionado, comissionado e montado na 21^a Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil⁷, além de circular por festivais como o Royal Anthropological Institute Film Festival⁸ em sua versão monocanal com tela dividida.

Recentemente premiado em Portugal e no Brasil⁹, *Domingo (Sunday)* narra um dia na vida da *Família Stronger*. As primeiras imagens são das ruas do bairro Jardim Nazaré, situado na periferia paulistana. Da janela do carro que passa pelo bairro é possível ver as ruas estreitas, bares, um campinho de futebol e a circulação dos moradores. Ambulantes vendendo nas calçadas gritam: “três é cinco!”.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: danielaguedes01@hotmail.com
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-3162-5260>

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: ketti_cardozo@hotmail.com
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-6759-6553>

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: guilhermebertollo21@gmail.com
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-0520-5067>

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: dasilvamferreira@gmail.com
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-8166-878X>

⁵ Cf. <http://www.familiastronger.com/>

⁶ Usamos Vi com “tor” entre parênteses ou simplesmente Vi, já que é assim que prefere atualmente ser chamado de forma a indicar a não-binariedade com a qual tem se identificado em termos de gênero.

⁷ Cf. <http://bienalsescvideobrasil.org.br/artista/paulo-mendel-vitor-grunvald>

⁸ Cf. <https://raifilm.org.uk/films/sunday/>

⁹ Vencedor do Prêmio Margot Dias e Benjamin Pereira (*Antropologia da Imagem e do Som*) – Categoria I Filme Etnográfico da Associação Portuguesa de Antropologia (APA) em 2019 - <https://www.apantropologia.org/apa/premios-apa/premio-apa-margot-dias-e-benjamin-pereira-antropologia-da-imagem-e-do-som-2019/> - e Prêmio ANPOCS de curta e média-metragem da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) em 2020.

Rapidamente entramos na *Stronger House*, almoço de confraternização da *Família Stronger*, coletivo periférico de pessoas LGBTQIA+¹⁰ de São Paulo, que funciona como rede de suporte, afeto e compromisso mútuos. Depois do almoço, seguem para uma manifestação política, no conturbado ano de 2016, para participar de um dos vários protestos de enfrentamento contra o recrudescimento conservador que têm ganhado força no cenário político brasileiro, especialmente após o que alguns pesquisadores caracterizam como golpe de estado que depôs a então presidenta Dilma Rousseff.¹¹

Nessa resenha, partimos do universo fílmico, mas não nos detemos a ele. Integrantes que somos da pesquisa *Stronger: explorações teóricas e etnográficas sobre família, cidade e narrativa etnográfica transmídia*¹², coordenada por um dos realizadores do projeto, permitimo-nos também, para além da análise de informações contidas na narrativa audiovisual, lançar luz sobre alguns questionamentos que nossa própria aproximação com esse coletivo suscitou.

A Família Stronger

Durante a primeira parte do filme acompanhamos alguns momentos do almoço de domingo da *Stronger*. Adentramos a casa onde ocorre a confraternização e percebemos os elementos que compõem a sociabilidade do grupo. Em uma das telas a câmera percorre o ambiente dando ênfase em alguns objetos do cenário - a decoração da mesa do almoço, os retratos de família, um quadro de time de futebol são itens que surgem à vista. Enquanto isso, a outra tela mostra o processo de feitura do estrogonofe e a manipulação de bebidas. A esta altura, a comensalidade é um fator importante na narrativa, pois é em

¹⁰ A sigla LGBTQIA+ refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, *queer/cuir*, pessoa não-binária, intersexual, assexual e outras expressões de gênero e sexualidade.

¹¹ Para a caracterização do processo de impeachment de Dilma Rousseff como golpe cf. o artigo “Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil” de Michael Löwy (filósofo e sociólogo, atua como pesquisador no *Centre National de la Recherche Scientifique*, na França), publicado no livro “Por que gritamos golpe?” da editora Boitempo.

¹² Projeto de pesquisa coordenado por professora Vi Grunvald, Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), do qual participamos como bolsistas de iniciação científica durante o ano 2019-20. Este projeto de pesquisa tem outras ações que vão além do espaço acadêmico, como a criação de uma rede social para os integrantes da família e uma série de vídeo-retratos que podem ser encontrados no site da família (<http://familiastronger.com.br>). Nossa participação na pesquisa foi beneficiada pelo *Programa de Fomento à Pesquisa - Edição 2019*, modalidade *Apoio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados pela UFRGS*.

torno do consumo de comidas e bebidas que o encontro se realiza. Estrogonofe, como bem se sabe na “quebrada”, se come em dias de festa.

Conhecemos alguns aspectos da família através dos diálogos inseridos no filme ao passo que acompanhamos os momentos de descontração e alegria que marcam aquela tarde. A afetividade, as risadas, a dança e o carinho regem o tom das interações que se estabelecem no interior da casa nos permitindo refletir sobre o *modus operandi* da família no espaço íntimo, no âmbito privado. A atmosfera lúdica e as constantes brincadeiras jocosas desta primeira parte evocam o sentimento de estarem compartilhando mutuamente uma existência comum, o que nos remete, justamente, ao conceito de mutualidade do ser elaborado por Marshall Sahlins (2013) para pensar o parentesco.

Esses momentos de sociabilidade resguardam ainda instantes que somos interpelados por conversas que forjam imaginários para dar conta da experiência daqueles sujeitos. Basta recordar quando um dos integrantes diz ser “hétero afeminado” em tom de brincadeira e em seguida Luiz Stronger ri debochadamente e responde: “Bixa hetera! (risos) Se eu fico com a senhora a gente pratica lesbixanismo, querida”.

A experiência familiar da *Stronger* evocada em algumas passagens do filme carrega características comuns com outras *famílias LGBTs*. Uma delas é a maneira como as fronteiras de pertencimento ao grupo são demarcadas. As pessoas só podem ingressar na família por meio da adoção, assumindo o sobrenome *Stronger*. A rede familiar não se constitui a partir da consanguinidade, pois seus laços não dependem do compartilhamento de nenhuma substância biogenética, para usar os termos de David Schneider (2016[1968]), aproximando-se mais do que este autor chama “solidariedade difusa e duradoura” e que foi, posteriormente, reelaborado no conceito de relacionalidade por Janet Carsten (2000), tal como propõe Grunvald (2019a) no projeto da pesquisa à qual nos referimos.

É indispensável salientar que, atualmente, o ativismo se converteu em um aspecto fundamental das práticas desses coletivos, pois funciona como articulador entre as suas formas de “fazer-família” e uma estratégia de participação política para reivindicação dos seus direitos. Iremos retomar esta reflexão mais adiante à luz das problematizações sobre os corpos LGBTQIA+ no espaço cidadão.

Uma narrativa em duas telas

Em *Domingo*, a câmera atua como um guia permitindo assim a compreensão suave da narrativa. A partir da montagem realizada por Paulo Mendel com colaboração de Gabriel Perin, coordenador de pós-produção, vemos cenas paralelas que acompanhamos a partir dos dois canais de vídeo e seguimos construindo percepções sobre a *Família Stronger* na medida em que somos instigados a compartilhar o dia a dia dessa família. O filme nos coloca sensorialmente como se estivéssemos participando das atividades ao lado daquelas pessoas.

A cinematografia é voltada para os detalhes, focando de maneira não pretensiosa desde as decorações da casa até os personagens que se somam às telas. É através destes detalhes orgânicos - as bandeiras do coletivo na parede e o caminho percorrido até um protesto - que a cinematografia e a narrativa não usual conseguem transmitir o sentimento de evocação para quem assiste ao filme.

De fato, como Vi Grunvald têm insistido, o filme é mais evocativo que representativo.¹³ Não se trata de explicar, de maneira didática, o que é a família, como operam ou apresentar exaustivamente seus integrantes. Tampouco terminamos o filme sabendo, precisamente, qual protesto acompanhamos, para além dos gritos de #ForaTemer que escutamos incansavelmente. A narrativa não visa representar ou explicitar essas noções ou acontecimentos, mas evocá-los a partir de seus cheiros, sabores, beijos, movimentos, vozes, corridas, gritos e fogo.

O trabalho é construído de forma compartilhada, sendo possível observá-lo pela tranquilidade das pessoas em cena. A câmera não parece ser uma intrusa, pois ela se movimenta de modo a ressaltar a filmagem participante, onde diretores são acionados como parte integrante da família.

Uma característica a ser destacada na narrativa é que a forma pela qual somos apresentados à família, seu cotidiano e aos personagens, permitindo uma imersão maior na etnografia fílmica. Os detalhes presentes nas cenas, ora complementares ora contrastantes, nos levam a acompanhar o arco narrativo, a jornada deste dia de domingo que começa na *Stronger House* e termina nas ruas com a manifestação.

¹³ Cf, por exemplo, a entrevista realizada com Vi Grunvald pelo projeto “Trajetórias pessoais na antropologia visual no Brasil”, desenvolvido em parceria entre o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - LABOME/UVA-Sobral-CE, coordenado por Nilson Amino, e a editora Sertão Cult. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SR4obB2lgvs>

Corpo & cidade: violência e (r)existência

Direcionamos o foco do nosso olhar para as diferentes relações dos integrantes da família com o espaço público onde ocorre a manifestação. A cidade é a expressão dessas relações e é por meio destas experiências que são criadas diferentes possibilidades de existir, rompendo com a homogeneização de modelos socioespaciais e, dessa forma, a padronização dos corpos.

E como agentes transformadores do espaço citadino¹⁴, na segunda parte do filme, acompanhamos os integrantes da *Família Stronger* ocuparem a icônica Avenida Paulista que se torna o ponto onde todos, dissidentes e insurgentes, se encontram para desarticular as segregações tanto políticas quanto socioespaciais. Utilizam para isso seus corpos, expondo-os na busca de que suas reivindicações sejam atendidas e suas vozes não sejam silenciadas.

A manifestação inicia pacificamente, mas o estado de alerta dos sujeitos se torna constante com a presença de forças antagônicas, a polícia e os manifestantes. Na medida em que as pessoas ocupam a avenida, o confronto torna-se inevitável e a manifestação termina de forma violenta. A disputa não é somente por um espaço determinado, mas de pertencimento, pelo direito de construir politicamente e socialmente a cidade, lugar de onde insistentemente e historicamente seus corpos foram banidos. Por esse motivo a contenção destes corpos é de extrema importância para a manutenção do *status quo*. Por meio desta reflexão elaborada a partir das cenas finais do filme, podemos destacar o que Achille Mbembe (2016[2003]), após Foucault, elaborou como necropolítica. O controle de determinadas corporalidades engendra um processo de desumanização que naturaliza a morte e a violência contra determinados sujeitos.

A fim de resistir aos constantes ataques e às tentativas de extermínio de seus corpos e identidades, os coletivos articulam ativismo com diversificadas ferramentas para encontrar outros caminhos de se manifestarem politicamente. Participar da família é um meio de resistência¹⁵ à violência sofrida por esses corpos que encontram nela

¹⁴ A relação entre transformação do espaço citadino e coletivos urbanos também é discutida por Grunvald (2019b) em artigo sobre a *Revolta da Lâmpada*, coletivo de ativismo de inspiração queer/cuir e interseccional do qual faz parte.

¹⁵ Tal como esclarece Grunvald (2019b: 270, nota 13): “Rexistência é um neologismo que busca fundir, em um único vocábulo, as palavras ‘existência’ e ‘resistência’ e tem sido muito utilizado por grupos e indivíduos ligados aos ativismos contemporâneos por direitos humanos.

acolhimento, tanto afetivo quanto político, diante do abandono do Estado e, não raro, de seus familiares consanguíneos.

A violência sofrida pelos corpos LGBTQIA+ não se manifesta apenas em momentos como esse. Ela é constante e presente no dia a dia dos integrantes da *Família Stronger. Domingo* nos faz refletir justamente sobre estas (r)existências que nem sempre estão visíveis e sobre como o cotidiano das *famílias LGBTs* está relacionado com a política, apresentando de forma sensorial um dia de fervo e luta.

As ressonâncias de *Domingo*: música, contextos e afetos

A trilha sonora produzida por Luciano Oliveira¹⁶ aparece como umas das principais condutoras dos aspectos sensíveis do documentário, intensificando o ambiente de tensão durante as cenas da repressão policial na manifestação e gerando contraste com o espaço da casa.

Durante o almoço, enquanto no programa da televisão aparecem artistas performando grandes *hits* musicais do funk, alguns familiares também dançam na sala com os olhos atentos à tela. Esses detalhes do filme desdobram reflexões sobre a influência da mídia como um dispositivo corporal. O corpo sendo constantemente construído pelas produções da indústria de entretenimento que naturaliza categorias de identidade e mantém noções estereotipadas de “mulher”, “homem”, “feminino”, “masculino”. Tal como Vi Grunvald trabalhou em sua pesquisa de pós-doutorado na Universidade de São Paulo, a música e a mídia aparecem como dispositivos corporais que afetam os sujeitos, sendo, muitas vezes, concorrentes na produção de subjetividades normalizadas.

Outro momento marcante a respeito de como a música aparece em *Domingo* é quando Matheus Stronger está dançando enquanto come o seu estrogonofê com o prato nas mãos. Os diversos modos de musicar¹⁷ (Small, 1998) também são modos de fazer-

¹⁶ Luciano Oliveira estudou Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, criou o projeto de música eletrônica *The Twelves*, que se apresentou em festivais internacionais como Coachella, Rock in Rio, Calvi on the Rocks, HARD Fest e muitos outros, produziu *remixes* para nomes como M.I.A., Two Door Cinema Club e Black Kids, além de ter sido contemplado com um episódio do programa Essential Mix da BBC inglesa. Como produtor de trilhas sonoras trabalhou com marcas como Coca-Cola, L'oréal, KLM, Itaú, Garnier, entre outras.

¹⁷ A noção de musicar é tomada como tradução do termo *musicking*, cunhado por Christopher Small (1998), para marcar qualquer forma de engajamento com a música.

corpo que, nesse caso, expressam concepções sobre as liberdades e potencialidades do ser sob uma forma de resistência.

A trilha também funciona como espécie de costura narrativa, mesmo em momentos quando as imagens que vemos apontam para acontecimentos, espaços e práticas que podem ser tidas como contrastantes, mas que se entrecruzam: casa e rua, privado e público, família e política. A música promove continuidade, ainda que sofra transformações, articulando os cenários e os atores enquanto mudam os contextos das relações.

Nas cenas do protesto, ao prestar bem atenção nos pulsos rítmicos que se misturam com os sons do conflito, de tiros, estilhaços, batidas de um coração acelerado (assim como a do *beat* que permanece ao fundo) estão estrategicamente sincronizadas. Os timbres graves que atravessam os corpos, as notas de tensão que não resolvem a melodia, sirenes e gritos, são detalhes sonoros essenciais que atuam criando uma atmosfera de perigo e de caos. Tudo isso pode nos ajudar a pensar a importância da música na articulação de contextos, na relação entre corpos e a ocupação dos espaços.

Assim, o som e a música desempenham um papel pivotal dentro da obra, pois nos acompanham por todo o percurso narrativo, ora para nos integrar ao caos evocado do almoço da família, ora para sermos motivados pelos cânticos sociais, ora para nos entrelaçar na tensão do confronto que se dá no protesto.

Em *Domingo*, o ambiente sonoro produz afetos. Como forma de nos inserir nesse universo, a música nos dá o tom de felicidade, de empolgação, e também do pânico. Ela é o fio condutor que une a narrativa visual com a visão etnográfica sobre o que é pertencer à *Família Stronger*, de como é estar juntos em um domingo. Ainda que apenas um domingo, não qualquer domingo: muito mais que um simples domingo.

O áudio, portanto, é ponto de destaque nas estratégias documentais utilizadas, pois a forma como é construído serve como intersecção dos elementos presentes na narrativa. A música, as falas dos personagens mantendo a atenção, a ambiência, todo esse *design* sonoro é feito a partir da sobreposição de sons captados diretamente, seja o funk, o pop tocando na televisão, os ruídos da grande metrópole, outros fragmentos sonoros e musicais que sobrepostos criam um ambiente intenso e por vezes caótico, ainda que estes últimos percam um pouco sua função melódica. Todas essas dezenas de camadas mixadas - formando uma massa sonora - conseguem dar mais profundidade à experiência aural,

Daniela Guedes dos Santos, Ketti Maria Cardozo da Rosa, Guilherme Vieira Bertollo e Mário Ferreira da Silva

pensada de forma a navegar conforme as emoções dispostas na tela, desde a familiaridade do almoço à tensão do protesto.

Os aspectos visuais e sonoros elencados nesta resenha são construídos de tal sorte que nos é possível perceber a familiaridade e organicidade de realizadores com essas pessoas que viraram personagens na narrativa de *Domingo*. A escolha da divisão em duas telas e da narrativa heterodoxa, associadas aos aspectos propriamente aurais do filme, colocam a obra como algo a ser experienciada em todo seu potencial, como narrativa a ser visitada diversas vezes. A cada nova sessão, descobrimos um novo detalhe, um novo aspecto, elementos esses que, a despeito dos 25 minutos de duração da exibição, tendem a se estender e ecoar em nossa memória por muito tempo, sendo uma peça essencial a todos que querem conhecer um ótimo documentário etnográfico.

Informações da obra

Domingo

Um encontro colorido e barulhento com a Família Stronger, coletivo LGBTQIA+ da periferia de São Paulo. Com um tela dividida, Domingo retrata um único dia no qual o coletivo se une para um almoço de família e vai para as ruas em dos protestos contra as forças conservadoras que promoveram o golpe de estado de 2016. A câmera se move livremente entre o turbulento grupo, capturando suas brincadeiras espirituosas e a força de sua vontade política contra grupos que tentam reprimir suas vozes.

Ficha Técnica:

Direção: Paulo Mendel e Vitor Grunvald

Coordenador de Pós-Produção: Gabriel Perin

Cinematografia e som: Paulo Mendel e Vi(tor) Grunvald

Edição e design de som: Paulo Mendel

Correção de cor: Guilherme Fuchs

Trilha sonora original: Luciano Oliveira

Direção de arte do projeto: Mariana Abasolo

REFERÊNCIAS

CARSTEN, Janet. *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

GRUNVALD, Vitor. Lâmpadas, corpos e cidades: reflexões acadêmico-ativistas sobre arte, dissidência e a ocupação do espaço público. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol. 25, n. 55, p. 263-290, 2019b.

GRUNVALD, Vitor. *Stronger: explorações teóricas e etnográficas sobre família, cidade e narrativa etnográfica transmídia*. Projeto de pesquisa, 2019a.

LÖWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim Doria; CLETO, Murilo. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. (Orgs.). São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-51, 2016[2003].

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: articulação dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Artes e Antropologia*, Salvador, vol 4, n. 2, p. 3-12, 2015.

SAHLINS, Marshall. *What kinship is... and is not*. Chicago, The University of Chicago Press, 2013.

SCHENEIDER, David. *American kinship. A cultural account*. 2 ed. Chicago, University of Chicago Press, 1968.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Middletown, Wesleyan University Press, 1998.

Recebido: 10/02/2021

Aprovado: 14/02/2021